

A desigualdade mata?

Reflexões sobre o recente Relatório da Oxfam e o problema da
“violência econômica”

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do
CADE.

Em várias colunas, escritos e podcasts recentes, pude explorar o problema da desigualdade, mostrando o quanto os próprios economistas têm procurado superar algumas das crenças e *tradeoffs* que marcaram o enfrentamento do tema por muito tempo.

Dentre os pontos fundamentais dos recentes trabalhos e reflexões estão as idéias de que (i) a desigualdade – e não a pobreza em si – é o problema principal a ser enfrentado, até porque tem sido uma das principais causas da pobreza e (ii) longe de haver oposição entre políticas de combate à desigualdade e crescimento econômico, os objetivos são convergentes, na medida em que a atual desigualdade econômica tem sido um obstáculo para o próprio crescimento econômico¹.

Dentro dos esforços de sensibilizar as pessoas para o problema da desigualdade, merece destaque o recente relatório da Oxfam cujo título já antecipa suas conclusões: *Desigualdade Mata*². Repleto de números e referências, o estudo vale não somente pelas propostas de soluções, mas sobretudo pelo diagnóstico realizado a partir dos números e referências apresentados, dentre os quais os de que:

¹ Ver, dentre outros, os seguintes Podcasts do Direito e Economia, disponíveis em todos os tocadores e também no site <http://www.podcastdireitoeconomia.com/>: Repensando o neoliberalismo, com Eduardo Moreira; As distorções do capitalismo atual, com Ladislau Dowbor; Desigualdade econômica e suas distorções, com Marcelo Medeiros; O problema da desigualdade no Brasil, com Debora Freire. Ver também a série do Jota Novas Perspectivas para a Regulação dos Mercados, com especial destaque para as colunas que se dedicaram ao exame da obra de Heather Boushey.

² <https://materiais.oxfam.org.br/relatorio-a-desigualdade-mata>

- a pandemia aumentou consideravelmente a desigualdade, já que os dez homens mais ricos do mundo dobraram suas fortunas enquanto a renda de 99% da humanidade está pior;
- o patrimônio das 10 pessoas mais ricas do mundo é maior do que os 3,1 bilhões de pessoas mais pobres;
- enquanto um novo bilionário surge a cada 26 horas desde o início da pandemia, mais de 160 milhões de pessoas foram empurradas para pobreza e a estimativa é de que 17 milhões tenham morrido de Covid-19, uma perda que não era vista desde a Segunda Guerra Mundial;
- a fortuna de 252 homens é maior do que a riqueza combinada de todas as mulheres e meninas da África, da América Latina e do Caribe, contingente que soma 1 bilhão de pessoas;
- a pequena elite mundial de 2.755 bilionários viu sua fortuna crescer mais durante a pandemia do que nos últimos de quatorze anos, os quais já foram de bonança para os bilionários;
- a pandemia já atrasou para 135 anos a meta de alcançar a igualdade de gênero, que antes era de 99 anos.

Ademais, o aumento da desigualdade mundial em razão da pandemia, atestado por diversas instituições de renome³, é o ponto culminante de processo bem anterior, já que, de acordo com a Oxfam, desde 1995, o 1% mais rico do planeta acumulou quase 20 vezes mais riqueza global do que os 50% mais pobres da humanidade. Daí a conclusão de que “A desigualdade nos dias de hoje é tão abissal quanto era no auge do imperialismo ocidental no início do século 20.”

Não é de surpreender que as pessoas mais pobres tenham sido as mais afetadas pela pandemia. Segundo a Oxfam, “A desigualdade de renda é um indicador mais assertivo para saber se você morrerá de Covid-19 do que a idade”. Logo, “As pessoas mais pobres do mundo e os grupos racializados estão arcando com o ônus das mortes decorrentes da pandemia. Em alguns países, as pessoas mais pobres têm quase quatro vezes mais chances de morrer de Covid-19 do que as mais ricas.”

³ De acordo com o Relatório Oxfam, o dado é atestado por diversas outras importantes instituições internacionais, tais como o FMI, o Banco Mundial, o Credit Suisse e o Fórum Econômico Mundial.

Todas essas razões justificam a conclusão da Oxfam que se criou um verdadeiro apartheid vacinal, situação a que se somam dados já alarmantes, dentre os quais:

- 5,6 milhões de pessoas morrem todos os anos por falta de acesso à saúde básica nos países pobres;
- no mínimo 67.000 mulheres morrem a cada ano devido à mutilação genital ou por terem sido assassinadas por seus parceiros atuais ou anteriores;
- a fome mata mais de 2,1 milhões de pessoas por ano no mínimo.

Tais dados convergem com a realidade brasileira: 33 milhões de pessoas passando fome, mais da metade da população brasileira sofrendo algum grau de insegurança alimentar e indicadores econômicos e sociais que regrediram em até três décadas⁴.

A Oxfam também chama atenção para as interseccionalidades, mostrando como a desigualdade tem efeitos ainda mais perversos para mulheres, negros e outras populações vulneráveis, bem como para os países em desenvolvimento. No que diz respeito às questões de gênero, impressiona o aumento alarmante dos casos de violência contra mulheres durante a pandemia.

Em face desse cenário, a Oxfam conclui que a desigualdade mata 21.300 pessoas por dia, ou seja, uma pessoa a cada 4 segundos, em uma “estimativa altamente conservadora para mortes resultantes da fome em um mundo de abundância.” Daí ser mencionada a opinião de Jayati Ghosh, segundo a qual “A dura verdade que a pandemia nos trouxe é que o acesso desigual à renda e a oportunidades faz mais do que criar sociedades injustas, insalubres e infelizes, na verdade, ele mata as pessoas.”

Prossegue a autora dizendo que as centenas de milhões de pessoas que mais sofreram durante a pandemia provavelmente já eram as mais desfavorecidas e sem condições de influenciar na política. Daí a conclusão de que a desigualdade está matando aqueles com menos voz política e, mais do que isso, também está matando o planeta, o que já conecta a discussão com os problemas da violência econômica e da sustentabilidade.

⁴ Para maiores referências ver reportagem do Globo de 19.06.2022 (O preço do retrocesso. Indicadores econômicos e sociais regrediram até três décadas e comprometem desenvolvimento).

Em sentido próximo, Abigail Disney, também citada no relatório, explica os motivos pelos quais os livres mercados não só não foram capazes de resolver o problema, como o agravaram e ainda comprometeram a própria democracia:

“Empresas como a Amazon, em vez de sentirem vergonha, viram oportunidades e focaram em estratégias que deixaram 40% dos trabalhadores americanos incapazes de contar com uma poupança mínima para enfrentar a fome, a falta de moradia e o atendimento de saúde precário que apresentavam ainda mais ameaças imediatas para eles e suas famílias.

A sociedade estava cheia de rachaduras quando a pandemia teve início, rachaduras que aumentaram e se transformaram em abismos. Esses abismos ameaçam a coesão social e a democracia (...)

Décadas de ataques coordenados às leis, regulamentos e sistemas que protegiam as pessoas comuns daqueles que as exploravam nos deixaram com uma sociedade civil deficiente, um movimento sindical debilitado e um governo tão carente de recursos que mal consegue simplesmente arrecadar os impostos necessários para continuar operando.”

Em face desse diagnóstico, a Oxfam aponta como as políticas de austeridade e de estado mínimo são incompatíveis para a solução de tais problemas. Mais do que isso, destaca a necessidade de se enfrentar diretamente o problema da violência econômica, pois a desigualdade política inerente à desigualdade econômica possibilita que as classes dominantes usem as instituições tão somente para a proteção dos seus próprios interesses:

“Isto nunca foi por acaso, mas sim por escolha. A desigualdade extrema é uma forma de “violência econômica” pela qual políticas estruturais e sistêmicas e escolhas políticas que são enviesadas em favor dos mais ricos e poderosos resultam em danos diretos à grande maioria das pessoas comuns no mundo todo.

(...)

Tal violência não é uma aberração, o sistema é manipulado dessa forma. A violência econômica não é aleatória, é estrutural, e é parte integrante da maneira como nossas economias e sociedades funcionam nos dias de hoje. Isso ficou particularmente evidente durante o recente período de 40 anos de neoliberalismo, durante o qual as escolhas de política econômica foram compradas por elites ricas, poderosas e corruptas, alimentando a insegurança econômica que poderia ser evitada para a maioria.”

A Oxfam encerra o relatório mostrando, dentre outras importantes alternativas de solução, a necessidade de se alterar as regras e mudar o poder na economia e na sociedade, resgatando o papel dos governos, que podem e devem agir para reduzir a desigualdade, ressaltando as iniciativas bem sucedidas que ocorreram na pandemia com esse propósito.

Ao assim propor, o relatório converge com a conclusão de importantes economistas que, a exemplo de Banerjee e Duflo, consideram que não há alternativas à coordenação que é viabilizada pelo Estado, razão pela qual, se os governos são corruptos ou ineficientes, a solução obviamente não é acabar com eles, mas sim aprimorá-los⁵.

Mais do que isso, ao mostrar como e por que a desigualdade mata, o relatório nos provoca a pensar nas raízes estruturais do problema, dentre as quais a violência econômica ocupa um papel de relevo.

Publicado em 22/06/2022

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/a-desigualdade-mata-2-22062022>

⁵ <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/novas-perspectivas-para-a-regulacao-juridica-dos-mercados-parte-iv-25032020>